

Novos letramentos e ativismo social: Reflexões sobre uma pesquisa etnográfica com as mulheres da comunidade do Pontal da Barra- Maceió**New lectures and social activism: Reflections on an ethnographic research with women from the community of Pontal da Barra- Maceió**

DOI:10.34117/bjdv6n12-286

Recebimento dos originais: 23/11/2020

Aceitação para publicação: 13/12/2020

Luiz Fernando Gomes

Professor do Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas

UNICAMP

E-mail: luiz.gomes39@gmail.com

Andréa da Silva Pereira

Professora do Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas

E-mail: andreasp.alp@gmail.com

RESUMO

Os estudos do letramento têm apontado para três direções analíticas: letramentos como práticas sociais situadas; as novas formas expressivas propiciadas pelos avanços das tecnologias e as propostas intervencionistas que buscam ampliar as práticas de letramento locais, conduzindo a um modelo crítico que leva os indivíduos a refletirem sobre sua própria realidade e a encontrarem caminhos para melhorar as condições e a qualidade de vida em contextos sociais específicos. O presente estudo reflete sobre uma iniciativa de educação popular em uma comunidade carente do estado de Alagoas: o Pontal da Barra, cujas fontes de renda principais advêm da pesca e do artesanato. A proposta inicial do estudo era avaliar a possibilidade de explorar o uso de práticas letradas para uma maior organização coletiva, para a valorização da identidade local e que viabilizasse ações mais organizadas no sentido de encontrar alternativas que promovesse mudanças quebrando um círculo vicioso de reprodução da estratificação e das desigualdades sociais da região. Foi escolhido para grupo focal do estudo rendeiras, com idades entre 37 e 69 anos e com pouco ou nenhuma escolaridade, vinculadas a uma associação que comercializa os produtos artesanais que elas produzem. O estudo foi realizado com base nas teorias de Kalantzis & Cope, do Círculo Bakhtiniano, Gohn e Rocha & Tosta, entre outros. A pesquisa, de orientação etnográfica, estendeu-se por 18 meses durante os quais foram utilizados registros em áudio e vídeo, fotografias e diários dos pesquisadores. Entre as alternativas buscadas pelos pesquisadores para dar voz às rendeiras, relatamos uma experiência realizada com uso de fotografias feitas pelas próprias artesãs e o perfil do grupo no Facebook. As análises desses produtos ressaltam as dificuldades de pesquisadores externos entenderem as dinâmicas sociais e as relações de poder local que, muitas vezes, prejudicam projetos de intervenção via educação popular. O trabalho indica a necessidade de estudos etnográficos serem mais prolongados e contarem com maior imersão

dos pesquisadores no campo, principalmente quando se tratar de pesquisadores externos ao grupo social em estudo.

Palavras-chave: Novos letramentos, Ativismo social, Etnografia visual.

ABSTRACT

Literacy studies have pointed to three analytical directions: literacy as situated social practices; the new expressive forms provided by advances in technology; and interventionist proposals that seek to expand local literacy practices, leading to a critical model that leads individuals to reflect on their own reality and find ways to improve conditions and quality of life in specific social contexts. This study reflects on a popular education initiative in a needy community in the state of Alagoas: Pontal da Barra, whose main sources of income come from fishing and handicrafts. The initial proposal of the study was to evaluate the possibility of exploring the use of literate practices for a greater collective organization, for the valuation of local identity and to enable more organized actions in order to find alternatives that would promote changes breaking a vicious circle of reproduction of the stratification and social inequalities of the region. It was chosen for the focal group of the study *rendeiras*, with ages between 37 and 69 and with little or no schooling, linked to an association that commercializes the craft products they produce. The study was based on the theories of Kalantzis & Cope, the Bakhtinian Circle, Gohn and Rocha & Tosta, among others. The research, ethnographically oriented, lasted 18 months during which audio and video records, photographs and diaries of the researchers were used. Among the alternatives sought by the researchers to give voice to the tenants, we report an experience made with the use of photographs made by the artisans themselves and the group's profile on Facebook. The analyses of these products highlight the difficulties of external researchers to understand the social dynamics and local power relations that often hinder projects of intervention via popular education. The work indicates the need for ethnographic studies to be more prolonged and to count on greater immersion of researchers in the field, especially when dealing with researchers outside the social group under study.

Keywords: New Lectures, Social Activism, Visual Ethnography.

1 INTRODUÇÃO

As teorias (e práticas) que envolvem os novos estudos do letramento são um desafio aos pesquisadores da área de linguagem. Isso, por que entender os letramentos como práticas situadas, locais, requer uma abordagem metodológica que permita conhecer e entender e mesmo conviver com tais práticas, de forma não etnocêntrica. Lidar com tecnologias de informação e de comunicação explorando seus recursos expressivos multissemióticos com pessoas de baixa escolaridade parece queimar etapas fundamentais de sua formação letrada. Resgatar a identidade e promover a reflexão sobre a situação local é um desafio, se essa reflexão não for sempre almejada ou entendida como frutífera ou necessária pelos participantes, ou mesmo por que não enxergamos todos a mesma “realidade”. Esses três aspectos, essas três visões de análise são discutidas nesse estudo que mostrará que em condições inóspitas como as que trabalhamos, os ganhos sociais que as tecnologias digitais e a educação formal trazem ou podem vir a trazer não costumam vir em grandes doses. Este é um país

marcado pela desigualdade social, com índices educacionais preocupantes, altas taxas de analfabetismo, com defasagens etárias de escolarização e com inúmeras restrições de acesso aos bens culturais produzidos pelo mundo globalizado. Pois é justamente esse contexto que justifica o presente estudo, na medida em que nos desafia a procurar meios para irmos além de um viés etnográfico superficial (procedimento que nós, como linguistas aplicados e professores de língua portuguesa, não estamos preparados ou não sabemos muito bem como proceder); a lidar com a linguagem visual como alternativa para as dificuldades de expressão com o modo verbal, e de buscar - mesmo em pessoas que se sentem compelidas a mudanças - um movimento, por menor que seja, de agência e protagonismo.

A educação, ainda que enfeitada de *gadgets* e conectada a “redes sociais”, sozinha, talvez não possa redimir os que vem sendo historicamente alijados. O propalado aumento de alunos matriculados nas séries iniciais e a criação de laboratórios de informática ou programas do tipo “computadores para todos” não bastam para garantir uma educação “inclusiva”, considerando que ao uso do computador antecedem outras tantas demandas do mundo da escrita, além do desenvolvimento de habilidades específicas para interação na cultura participativa e colaborativa do mundo digital que, em muitos casos, torna praticamente inócua a inserção das tecnologias no cotidiano escolar. Ademais, o sistema escolar reproduz a hierarquia que o sustenta, como afirma Bourdieu (apud BRAGA & VÓVIO, 2015, p. 43-44) “através de um esquema de reprodução cultural que elege as competências linguísticas e culturais (...) dos grupos hegemônicos, ao mesmo tempo em que desqualifica os referentes linguísticos e culturais dos demais grupos sociais”. Na esfera política, afirmam as autoras, “o caráter meritocrático da educação atua na produção e legitimação dos imperativos ideológicos e econômicos que apoiam a hegemonia do Estado”. Vista assim, a escola não é uma agente para “inclusão” social; ao contrário, ela é “uma via através da qual os grupos dominantes reproduzem, mantêm e justificam a estratificação social.” (idem, *ibidem*) – isso, com ou sem tecnologias digitais.

O presente estudo mostra, porém, que sempre há algo que pode ser feito para alterar esse panorama. Talvez a educação formal, a não formal e as tecnologias digitais ofereçam, sim algumas alternativas. Os estudos sobre os Multiletramentos (1996) entendem os letramentos como práticas sociais e situadas, que não hierarquizam diferenças ou valorizam determinando práticas, mas, sim, trabalham com as dessemelhanças - daí o prefixo –multi, que abriga multilinguagens/multicódigos, multiculturas e multipráticas; ou seja, abriga e trabalha com os desiguais, já que a comparação depende do lado que tomamos a partir do qual estamos olhando. Essa teoria propõe a realização de trabalhos heterogêneos, como resposta à variedade de situações sociais e práticas socioculturais com

as quais os sujeitos lidam no cotidiano. Dessa forma, “não deve haver uma expectativa sobre o que pessoas e grupos sociais podem realizar com e a partir da língua escrita e a atribuição de qualidades aos escolarizados/alfabetizados em detrimento dos não escolarizados/analfabetos.” (BRAGA & VÓVIO, 2015, p. 44). Nessa perspectiva, acreditamos que outra educação é possível. Uma educação via multiletramentos para o desencaixe, para atuar na cauda longa, longe do *mainstream* por opção, mas não à margem dele; multiletramentos como resistência.

As TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) possibilitam algumas táticas de resistência. A história da internet a liga à guerra, à espionagem internacional, ao imperialismo cultural e financeiro dos grandes detentores de tecnologia que, mesmo com a aparente gratuidade dos serviços e aplicativos que fornecem, lucram milhões a cada ano enquanto “guardam” dados pessoais.

Mesmo sendo lobo na pele de cordeiro, a convivência com aplicativos da Web 2.0 recoloca muita gente de volta ao mundo da leitura e da escrita. Pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social, isolados em bairros mal-acabados, que dependem de transporte público caro e precário e que também são discriminados pela aparência física, gênero, faixa etária, roupas, gostos musicais, etc., podem, de alguma forma, conhecer um mundo refratado na tela do celular que, de outra forma, seria impossível mesmo em sonho.

Celulares comprados em prestações, acesso instável e intermitente, banda larga que não é larga, pouco importa, a tecnologia seduz – ainda que abandone depois –, seduz novamente e assim as pessoas tomam contato com a linguagem visual, aprendem a buscar pistas de sentido na visualidade, na saliência, no espaço da escrita e a compor, com o auxílio de *emoticons*, abreviações e cortes, suas mensagens instantâneas. Fazem circular *selfies*, fotografam paisagens e pratos de pizza ou salada e inscrevem-se em *canais* e *comunidades*, ouvem suas músicas prediletas e leem instantâneos de notícias.

O consumo de bens simbólicos e o compartilhamento dessas experiências de consumo colocam os que estavam isolados de volta no jogo. Fá-los sentirem-se parte de uma realidade maior que as deles próprios. Muitos “curtem” e até engajam-se em lutas e reivindicações que possivelmente nem entendem bem. Importante é ser alguém, mostrar-se, ver e ser visto. Importante é estar em rede e viver em rede. Esse é o modelo de inclusão que, provavelmente a maioria deseja.

Concordamos com Braga & Vóvio (opus cit., p.47) em suas reflexões quando dizem que na macroestrutura social as barreiras continuam difíceis de serem transpostas para os pouco ou não escolarizados, já que as desigualdades na distribuição de produções culturais altamente valorizadas correspondem, em grande medida, à desigualdade socioeconômica e cultural. Mesmo por que,

conforme afirma Katzman (2001), os setores da população em condição de vulnerabilidade tendem a manter vínculos cada vez mais frágeis com o mercado de trabalho e com a educação escolar, o que cria barreiras estruturais difíceis de serem transpostos pelos meios materiais de que dispõem. De fato, mudanças nessa ordem dependem de vontade política e de políticas públicas que extrapolam as questões curriculares.

Também concordamos com as autoras (opus cit.) quando dizem que é no nível microsocial que as mudanças são possíveis, pois os letramentos digitais respondem não apenas às demandas do mundo globalizado, do mercado e do consumo, mas também às questões locais a partir de problemas práticos. Nesse caso, as transformações ocorreriam em nível local, podendo, entretanto, ganhar mais força e mesmo estender-se para outras localidades e outros níveis, com a criação de comunidades virtuais com elos fortes como, por exemplo, é o caso do Movimento Passe Livre que, não apenas ganha adeptos de várias cidades, estados e países, como também “exporta” o *know-how* de suas lutas.

2 O PROBLEMA COLOCADO

Trabalhando em uma universidade no interior do Estado de São Paulo, tive a oportunidade de desenvolver trabalho extensionista ligado aos letramentos digitais com vistas à solução de problemas de alguns bairros periféricos. Os resultados desse trabalho reforçaram minhas crenças sobre a possibilidade de as mudanças sociais ocorrerem a partir do local. Passei, então, a dedicar-me aos estudos sobre comunidades virtuais e suas formas de articulação como forma de ativismo e participação social, como é o caso, por exemplo, do Fórum Social São Paulo.¹

Com minha vinda à Universidade Federal de Alagoas- UFAL, campus Maceió, conheci o Pontal da Barra, um bairro de cerca de 2 mil habitantes localizada ao sul da cidade de Maceió, entre a praia de Jaraguá e a lagoa de Mundaú, cujos moradores têm como fonte de renda principal a pesca e o artesanato. Observando os usos da escrita que lá se fazem nos cartazes de preços, avisos e nos contatos com os turistas e inteirando-me de algumas dificuldades nas relações de trabalho, propusemos, uma professora do departamento de Letras daquela universidade e eu, um projeto de extensão. Nosso objetivo era, inicialmente, conhecer as necessidades e os usos da escrita naquele contexto e introduzir novos usos mediados por tecnologia digital visando valorizar a identidade da comunidade envolvida e auxiliar na luta por mudanças nas condições de trabalho e de vida.

O Pontal da Barra possui várias associações. Como o número dessas associações é incerto, optamos por trabalhar com as integrantes da Associação das Mulheres do Pontal da Barra, em parte,

¹ O endereço digital do Fórum Social São Paulo é: <http://forumsocialsp.org.br/>

devido à facilidade de acesso à lojista responsável pela associação e por seu manifestado interesse em, com nosso trabalho, melhorar as condições de trabalho das rendeiras. Embora o número de associadas passe de trinta, o grupo que conseguimos reunir é formado por 7 mulheres, com idade entre 37 e 69 anos, com pouco ou nenhuma escolaridade, que tem como renda assegurada, total ou parcial, a confecção de filés, renda típica dessa região.

Nesse contexto, surgem os problemas que objetivamos discutir em nosso projeto, do qual, o que apresentamos aqui é apenas um recorte.² e que, de certa forma, desafia as reflexões teóricas feitas na introdução deste texto.

Apresentamos as três questões principais que nortearam o projeto como um todo, ressaltando, porém, que apenas discutiremos a segunda questão. Assim, considerando que as novas vias de acesso à informação e participação coletiva estariam apenas reproduzindo as desigualdades sociais e aprofundando a vala da exclusão, como adultos pouco ou não escolarizados, com idade em 37 e 69 anos, poderiam se apropriar de práticas sociais envolvendo usos da língua materna e, eventualmente, de outras linguagens, em ambientes digitais, a fim de atender seus interesses pessoais e as demandas da associação ?

Em outras palavras, seria possível aos historicamente marginalizados, aos analfabetos e aos analfabetos funcionais, a quem faltam mesmo práticas de língua escrita mais elementares, aos que tem pouco ou nenhum contato com dispositivos digitais, promover alguma mudança em suas condições de vida e de trabalho com o auxílio das tecnologias e assim quebrar o círculo vicioso que reproduz a estratificação e as desigualdades sociais?

Da mesma forma, questionamos: o que podem as comunidades? Ou seja, haveria alguma maneira de fortalecer os vínculos sociais das rendeiras associadas num coletivo que pudesse se organizar, ganhando forças para discutir e promover as mudanças que desejam?

Considerando a presença de uma escola municipal no bairro, esta pesquisa também voltou-se para o problema: o que pode a escola? Lembrando que as rendeiras são pouco ou não escolarizadas,

² O projeto durou 18 meses (2013-2015) e dele foram feitos recortes abordando outros aspectos e que redundaram em artigos, capítulos de livros e apresentações em eventos acadêmicos. Os artigos publicados são: “Novos letramentos, narrativas e história local”, publicado nos Anais do GELNE, 2014 (disponível em: <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/1051.pdf>>); “As refrações circulantes no discurso das bordadeiras do Pontal da Barra: o conflito tradição e trabalho.” (publicado em 2016- disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2311>>), e “Novos Letramentos e Ativismo Social: contribuições metodológicas da Linguística Aplicada na esfera da Educação Não Formal.” (PEREIRA, A. S. ; GOMES, L. F. . Novos Letramentos e Ativismo Social: contribuições teórico-metodológicas da Linguística Aplicada no percurso de um projeto de educação não formal. In: Heloísa Andreia de Matos Lins. (Org.). Tecnologias, linguagens e letramentos: sociedade, educação e subjetividade. 1ed. Campinas: Edições Leitura Crítica; Associação de Leiturado Brasil - ALB, 2015, 2015, v. 1, p. 127-150.). Outros aspectos desse projeto de extensão foram apresentados em comunicações em eventos no decorrer do ano 2014.

pensamos em como envolver a escola do bairro não apenas por ser ela um lugar legítimo para atividades educativas, ainda que não formais, mas também por localizar-se na praça dos pescadores, num ambiente “familiar” e por oferecer espaço para nossas reuniões. Porém, além dessa participação informal da escola, o que ela poderia, de fato, fazer para proporcionar eventos de letramentos para as rendeiras?

Nossa perspectiva neste projeto de pesquisa e de extensão é questionadora da visão mais otimista sobre as oportunidades para mudanças sociais que seriam ampliadas pelas novas tecnologias, dispositivos digitais, etc., tendo como referência um contexto altamente deficitário, num dos estados mais pobres do país. Restou-nos ainda, uma última reflexão: seriam os letramentos um mito, à medida que seus efeitos em determinadas circunstâncias, como as deste projeto, se tornariam irrelevantes para as mulheres da associação?

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa sobre letramento numa comunidade por nós conhecida apenas como turistas e com as questões acima discutidas, demanda uma aproximação cuidadosa, criteriosa, atenta e de grande envolvimento pessoal – por que não dizer afetivo? -, que pode ser melhor alcançada numa abordagem etnográfica. Nessa perspectiva, o modo como entendemos as coisas está relacionado à distância que assumimos perante elas, ou seja, “o processo de interpretação do significado de uma cultura corresponde na verdade a um processo de compreensão do que as pessoas dizem, pensam e acreditam que estão fazendo quando realizam uma ação social.” (ROCHA & TOSTA, 2009, p.54).

Assumir uma proximidade suficientemente distante não é coisa que se faça em poucos dias. Tampouco essa aproximação é constante, crescente e caminha numa única direção. Em nosso projeto, cuja duração foi de 18 meses, a inconstante participação de algumas rendeiras fazia retroceder e esfriar nosso relacionamento, comprometia o desenvolvimento das atividades propostas e dificultava a criação de vínculos mais fortes. Houve necessidade de nós, pesquisadores, nos adaptarmos aos hábitos locais quanto à pontualidade nos encontros e com a talvez aparente falta de seriedade com que algumas participantes se engajaram com a proposta do projeto. Foi somente no último mês, dezembro de 2013, que o distanciamento e talvez mesmo a desconfiança a com que algumas nos olhavam, talvez por sermos professores universitários, foi quebrado. A despeito das várias jornadas que fizemos todos pelo bairro, fotografando, foi apenas na última que elas nos levaram para conhecer o “lado escuro”, que não aparece nas fotos de turistas – o lugar onde moram, as ruas e as casas. Convidaram-nos para

entrar, conhecer os agregados com quem compartilham o teto e a comida. Passamos, nesse momento, à categoria de amigos.³

A pesquisa etnográfica é essencial para o desenvolvimento de projetos de letramento. Somente depois de “andar com o sapato do outro e com o outro” por muitos quilômetros é que o pesquisador consegue ir abandonando seu olhar de estrangeiro, suas crenças sobre “o que é que eles precisam” e passa a ver e a sentir de uma forma mais próxima o que os participantes sentem. Aconteceu algo assim com os irmãos Vilas Boas, que, somente após longo tempo de convivência com os índios perceberam que o que eles queriam e de fato necessitavam era uma reserva – a Reserva do Xingu.

A despeito das teorias e do dito popular acima, esse exercício de ver na perspectiva do outro não é tão simples, pois o olhar do outro é complexo e raramente transparente. As teorias, muitas vezes, não dão conta das realidades locais. Em nossa pesquisa, creio que, talvez, não tenhamos chegado a entender plenamente quais os anseios das rendeiras da associação e talvez elas também não tenham entendido quais seriam os nossos. Na verdade, identificamos um jogo de poder instalado: de um lado a presidente, agenciadora de encomendas dos bordados (também chamados de “filés”), atuando como patroa e, de outro lado, as rendeiras, preocupadas com sua subsistência, mantendo contato exclusivamente comercial com a associação e alguma amizade com as vizinhas e colegas de profissão.

Nossos primeiros contatos com as rendeiras foram na loja da presidente da associação. Queríamos conhecer as necessidades e os problemas de comunicação que elas enfrentavam, suas relações sociais e possíveis demandas e seus anseios nas questões de trabalho. Entendendo que a abordagem metodológica etnográfica aqui utilizada destaca como relevante a relação entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa a partir da problematização da inserção dos pesquisadores no universo investigado, preterimos a *coleta de dados* em função dos “procedimentos de geração de registros”, pois, segundo Fritzen:

... o pesquisador não vai a campo para meramente colher dados, como se eles estivessem prontos, à sua espera. Ele gera registros, uma vez que sua presença em campo não é neutra e suas escolhas refletem sua posição epistemológica. (FRITZEN, 2012, p. 59).

A geração de registros, então, pressupõe que a inserção ativa e participante dos pesquisadores permita a geração de registros e interpretá-los a partir do que realmente acontece no contexto de investigação. Os registros gerados nesta pesquisa foram: (a) Fontes primárias: documentos comerciais usados pelos membros das associações; (b) Entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio com

³ Curioso é que no carnaval de rua de Maceió, conhecido como Pinto da Madrugada, encontrei uma das rendeiras, que fazia um “bico” segurando a corda de um dos blocos. Conversamos e rimos juntos na avenida.

membros das associações e residentes no Pontal da Barra; (c) rodas de conversa coletiva com as rendeiras; (d) Diário do pesquisador: conversas informais com moradores do Pontal da Barra; (e) Fotografias tiradas pelas rendeiras participantes do projeto. O presente estudo, porém, restringe-se à análise de um recorte das entrevistas, registradas em áudio, e das fotografias tiradas pelas rendeiras. Os demais dados foram apresentados e discutidos em outras publicações⁴. Essa partição se fez necessária devido à grande quantidade de registros gerada durante a pesquisa, motivada em parte pela abordagem etnográfica, pela duração da pesquisa e pela emergência de outros temas ou enfoques surgidos no decorrer do projeto.

Para as entrevistas semiestruturadas, fizemos contatos telefônicos e pessoalmente com as bordadeiras a fim de agendarmos as conversas.

Procuramos também não considerar as bordadeiras apenas como informantes e evitamos usar o poder da autoridade de quem faz as perguntas para não criar uma interação ilusória e criar um diálogo efetivo.

A abertura de um blog e depois de um perfil no Facebook foi uma demanda das rendeiras surgida no decorrer dos encontros mensais (às vezes, mais de um por mês, aos sábados à tarde).

A ideia de desenvolver atividades com fotografias surgiu como uma forma de contornar os problemas de escrita que se tornaram mais evidentes nos trabalhos com as “redes sociais”.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Foram realizadas reuniões cujas análises das transcrições de áudio, somadas às análises discursivas das postagens no blog e no Facebook da associação nos revelaram (entre outras coisas) uma forte relação de poder em que os interesses da presidente da associação não eram os mesmos das rendeiras e nem os nossos. Nós, pesquisadores, só viemos a perceber esse distanciamento de interesses mais tarde na pesquisa. Não irei transcrever nem tecer maiores comentários sobre esses dados, para poder discutir os dados das atividades que envolveram o registro fotográfico do olhar sobre si, sobre o outro, sobre seu entorno, sua profissão e sua cultura.

4.1 AS NECESSIDADES REVELADAS: IDENTIDADE E ALTERIDADE NO BLOG E NO FACEBOOK

Retomando a sequência: a partir no momento em que as bordadeiras, especialmente a presidente, entendeu que não propúnhamos algo assistencialista, ou comercial, pelo contrário, buscávamos conhecer e entender seus interesses para ajudá-las (e não fazer por elas) a desenvolver sua agentividade e autonomia, valorizando sua identidade e alteridade, outras demandas surgiram em

nossas rodas de conversa, dentre elas, a criação de um blog, por meio do qual as bordadeiras pudessem usar a escrita em benefício de seus interesses profissionais e particulares.

Para a criação do blog, evitamos dar o produto acabado como nos casos dos projetos para captação de verba. Agendamos encontros para a realização de algumas oficinas de letramento digital, para que o blog tivesse a participação de todas. Pesquisadores e alunos colaboradores do projeto, levávamos seus próprios notebooks e, pelo sistema Wi-Fi de alguns de nossos celulares, conseguíamos acesso à internet.

Durante quatro sábados consecutivos reunimo-nos na loja da presidente para decidirmos sobre os conteúdos *Blog do Pontal da Barra*.⁴ (APÊNDICE 2).

A presidente não participou da realização das oficinas, já que os interesses dela, como constatamos, priorizavam seu fortalecimento como lojista em busca de lucros maiores. Com isso, as associadas escolheram os conteúdos, mas precisavam de nossa ajuda na elaboração dos textos e no manuseio do computador. Tornou-se evidente o baixo nível de alfabetismo das associadas

Entretanto, além da postagem que apresenta os objetivos do blog, os demais posts foram feitos pela presidente da associação. Nesses posts se sobressaem os interesses comerciais, os apadrinhamentos e parcerias; coisas com que a presidente lidava bem devido ao seu nível de escolaridade e que eram difíceis para as rendeiras. Enfim, o blog se tornava um “ponto comercial”. Isso não seria de todo mal se as rendeiras não ficassem alijadas do processo, se também tivessem espaços para exercer não ganhassem com isso sua autonomia, expressar sua voz, sua identidade.

Em nossa terceira oficina surgiu a ideia de abrirmos uma conta no Facebook para divulgarmos o trabalho, pois este recebe mais visitas. O blog acabou sendo abandonado e o mesmo caráter comercial e excludente migrou para o Facebook⁵.

Numa de nossas reuniões periódicas com as rendeiras (a presidente não compareceu) lemos as postagens feitas durante os primeiros trinta dias. Ao serem perguntadas como elas avaliavam o uso do Facebook como meio de comunicação da Associação duas delas responderam:

Associada 1: ...então... vamos ver... poderia... vou dar uma dica... assim... você não sabe quem são as artesãs aqui da associação... eu acharia que devia ter... aí nesse:::...[Face]foto da gente, não era? assim... com filé:::... assim... cada um com seu filé...e mostrar aqui a gente também... Porque a gente não faz parte também? Tem que ter a gente.

⁴ O endereço eletrônico do Blog do Pontal da Barra é: <http://bordadeirasdoportal.blogspot.com/>

⁵ O endereço eletrônico do perfil no Facebook é: <http://bordadeirasdoportal.blogspot.com/>

Associada 2: ... principalmente eu, né?, que sou gostosa... (risos de todos)

*Associada 1... então... minha opinião... não sei... cada um tem a sua... [opinião]mas eu acho que seria bom... cada um... mostrar a foto da gente... Associada 1... Tem muita gente aqui [Face]... Tá tudo aí [Face]as pessoas... mas a maioria não tá na associação... **ai deveria ser a gente as estrelas, né? não... não... eu tenho que dar a minha opinião, né?***

Após nove meses de trabalho, pudemos observar, pela primeira vez nessa roda de conversa, sinais do surgimento das vozes das bordadeiras, que, até então, estavam silenciadas, subjugadas pela voz da lojista de quem dependiam, em grande medida, as suas encomendas de rendas.

Percebemos, então, que não apenas é custosa a aproximação, ela é também dinâmica e instável, pois as relações interpessoais vão emergindo e aos poucos, vão revelando o lado obscuro do cotidiano e os jogos de poder. Essa percepção, porém, não vem de alguma declaração, queixa ou comentário direto, ela surge da proximidade dos pesquisadores com as associadas e com a confiança e de cumplicidade que o trabalho etnográfico e uma presença maior no campo propiciam. A sobrevivência e a continuidade na associação talvez expliquem o silêncio das rendeiras mais do que as dificuldades de uso das tecnologias, já que nossa equipe estava presente para ajudá-las.

Por outro lado, o comportamento da presidente parece espelhar o papel tradicional da escola, que pretende “o bem” dos alunos, mas, de fato, acaba, quase sempre, impedindo seu crescimento.

4.2 ETNOGRAFIA VISUAL: UMA NOVA PROPOSTA

Nossa proposta de letramento baseado na escrita como fonte de reflexão para uma realidade de pessoas analfabetas em um contexto onde livros não circulam não traria fruto. Percebemos que havia uma séria dificuldade em relação ao uso da língua em sua modalidade escrita que impossibilitava a retomada das postagens no blog e também no Facebook (nenhuma delas tinha um “perfil”)⁶. Além do mais, eles haviam manifestado, como vimos no excerto acima, o desejo de serem protagonistas, de serem vistas – elas e seus trabalhos. Acreditamos que elas se manifestaram, estrategicamente, numa reunião em que a presidente não compareceu e que se elas fizessem questão de postar seus trabalhos e suas fotos no Face da Associação, isso instalaria uma disputa de poder pelo uso do mesmo espaço virtual, o que poderia significar um afrontamento à presidente. Procuramos não insistir nessa abordagem para evitar problemas posteriores para as rendeiras, depois do término do projeto. Por isso, propusemos um trabalho com fotografias tiradas por elas.

⁶ O Pontal da Barra praticamente não oferece conexão com a internet, o que, de fato, é um fator inibidor dessa prática.

A pesquisa etnográfica exige do pesquisador uma série de atributos, dentre eles, a capacidade de mudar de rota, contornar dificuldades, rever o percurso e, mais que tudo, sentir o que se passa com todos os envolvidos: alunos, colaboradores, participantes e os próprios pesquisadores. É necessário certo distanciamento, uma pausa para reflexão e então a retomada. A abordagem etnográfica faz de uma pesquisa uma aventura cheia de peripécias e reviravoltas.

Percebendo os descaminhos nos quais poderíamos cair, em meados de novembro/2014, propusemos nova rodada de atividades; desta vez com fotografia. Chamamos essa forma de conhecer e adentrar no “campo” de etnografia visual. A negociação dessa nova proposta foi fácil, talvez por que as imagens exerçam uma atração muito forte e também por que pareça ser mais fácil fotografar do que escrever.

Dividimos as tarefas em 6 temas a serem feitas durante a semana. A cada semana nos encontrávamos numa sala da Escola Municipal Péricles Silvestre⁷, e projetávamos as fotos tiradas por cada participante e todas comentavam. Geralmente esses encontros eram acompanhados de salgados e doces levados por elas. Esses encontros “festivos” ajudaram a estreitar nosso relacionamento.

É certo que muitas rendeiras nunca haviam tirado uma fotografia e também não tinham fotografias delas mesmas, de parentes, amigos, paisagens, etc. Câmera fotográfica também era um bem que muitas não possuíam. Duas rendeiras se recusaram terminantemente a sequer segurar um celular ou uma câmera fotográfica. Poucas tinham um celular; outras não sabiam como utilizar a câmera do celular. Por essas razões, as tarefas acabavam sendo realizadas durante as tardes de sábado, quando levávamos celulares e câmeras e as distribuíamos às mulheres e ensinávamos como usá-las. Então, saíamos à rua, em grupos, fotografando os temas propostos. Eram momentos de descontração que também chamavam a atenção dos moradores do bairro. Percebíamos o quão prazerosas eram as jornadas pelo bairro com câmera fotográfica na mão, em bando, conversando, rindo, fazendo poses.

Abaixo, o quadro com as missões fotográficas.

⁷ Procuramos a diretora da escola, mostramos nosso projeto e ela, gentilmente, nos cedeu uma sala com data show e acertou para que o porteiro/segurança da escola fosse aos sábados à tarde, abrir e à noite, fechar os portões da escola. Nossa intenção era também utilizar o laboratório de informática da escola, mas, depois de um levantamento das condições das máquinas, percebemos que nenhuma delas era utilizável. (APÊNDICE 1)

11/10 – 6ª. feira	Apresentação da proposta e conceitos iniciais sobre fotografia. Trabalho de campo: <i>meus olhares, meu bairro</i> .
19/10 - sábado	Participantes devem fotografar o tema: <i>meus olhares, meu trabalho</i> . Trazer para a aula 5 fotos selecionadas sobre o trabalho que realizam com os bordados. Comentários sobre as fotos.
9/11- 6ª. feira	Participantes devem fotografar o tema: <i>meus olhares, meus vizinhos</i> . Trazer para a aula 5 fotos selecionadas mostrando moradores do bairro. Comentários sobre as fotos.
23/11- sábado	Participantes devem fotografar o tema: <i>meus olhares, minha identidade</i> . Trazer para a aula 5 fotos selecionadas sobre o trabalho que realizam com os bordados. Comentários sobre as fotos.
30/11- sábado	Participantes devem fotografar o tema: <i>meus olhares, nossa cultura</i> . Trazer para a aula 5 fotos selecionadas sobre os aspectos culturais do Pontal da Barra, tais como: festejos, datas comemorativas, música e dança, comidas, etc.
7/12- sábado	Participantes devem fotografar o tema: <i>meus olhares, nossa história</i> . Trazer fotos e registros escritos (entrevistas, por exemplo) que ajudem a contar a história da formação do bairro Pontal da Barra.
14/12-sábado	Exposição das fotografias do grupo

Não fizemos nenhuma explicação teórica sobre técnicas fotográficas ou formas de análise de fotografias; não queríamos transformar nossos encontros em aulas formais. Os comentários e ensinamentos foram pontuais, de acordo com a necessidade imediata de cada participante e, quase sempre, sobre o uso da câmera. Aos poucos, percebemos que elas próprias começaram a reconhecer algumas qualidades e defeitos nas fotografias que tiravam.

As fotos de cada câmera ou celular eram passadas para o notebook pessoal de um dos pesquisadores, ao final de cada encontro, sendo todas arquivadas em pastas identificadas por atividade e por autora. Manter a autoria das fotos era fundamental nessa proposta, pois ela revelaria o olhar de cada rendeira sobre os temas propostos.

Ao final do cumprimento dos seis temas, as fotos foram agrupadas por tema e impressas numa gráfica, em papel fotográfico A4, em tamanho reduzido, de forma a caber 12 fotos, em média, por folha de cada tema. Foram feitas seis cópias de cada coleção.

No penúltimo encontro na escola Péricles Silvestre, dividimos as participantes em duplas acompanhadas de uma pesquisadora colaboradora, ocupando cada grupo um local separado. O objetivo era que as rendeiras escolhessem as fotos que participariam de uma exposição final, na sede da Colônia dos Pescadores, localizada na praça central do bairro, local onde ocorrem os eventos sociais da comunidade.

Durante o processo de escolha, as rendeiras eram solicitadas a descrever, comentar, explicar, situar as fotos. Os registros em áudio foram depois transcritos. Nossa expectativa era que as fotos

servissem como motivadoras para que expressassem oralmente aquilo que não foi possível fazer no blog ou no Facebook. Essa estratégia, porém, não foi bem sucedida. Talvez por não termos dado instruções mais detalhadas às bolsistas do projeto quanto ao tipo de perguntas fazer ou como conduzir aqueles subgrupos focais, ou por não fazer questões problematizadoras, algo que provocasse nelas relações entre fatos e pessoas e que auxiliasse enxergar seu cotidiano com outros olhos. Não soubemos fazer isso. Os comentários delas se restringiram a nomear e descrever nomes de pessoas e de lugares fotografados.

Aproveitamos a ocasião para combinar a exposição das fotografias. Propusemos um evento aberto para que todos, moradores e turistas, pudessem ver. Cada uma levaria um filé de sua confecção e afixaríamos as fotos tiradas por elas nos filés correspondentes, ligando assim, a autoria do bordado com a identidade do olhar. Também combinamos os salgados, doces e os refrigerantes. A comida é algo sempre muito marcante em qualquer cultura e essa nossa disposição para experimentar outros pratos e temperos foi um fator importante no nosso relacionamento.

4.3 AS FOTOS EXPOSTAS NA COLÔNIA DOS PESCADORES

No dia 14 de dezembro, um sábado, fomos os professores e as pesquisadoras colaboradoras, ansiosos, carregando além das câmeras fotográficas, salgados, refrigerantes, copos, toalhas, prendedores de roupa, cola, tesouras, as fotografias selecionadas, agora impressas individualmente em tamanho A4, com as legendas ditadas pelas rendeiras. (APÊNDICE 3).

Após mais de uma hora de atraso aguardando as rendeiras, ficamos com medo de que elas não aparecessem por vergonha ou inibição. Já escurecia quando chegaram todas quase ao mesmo tempo, com roupas de festa, cabelos úmidos do banho acabado de tomar, bandejas de bolos e sanduíches, e as rendas. Definitivamente, as noções de tempo, na pesquisa etnográfica, ganham outra dimensão. Vê-las todas chegando como que combinado, com seus filés na mão e os pratos de doces e salgados foi algo delicioso. Acabou o medo do desencontro.

Cada uma, auxiliada pelas alunas colaboradoras, afixou as fotos de sua autoria nas rendas e logo todo o salão estava cheio! Aos poucos, alguns moradores percebendo a movimentação, luzes acesas na sede da colônia, começaram a entrar e a comer e carregar pratinhos com guloseimas para o centro da praça.

Foi muito bonito e gratificante ver a alegria das rendeiras, todas juntas, expondo suas fotos e seus trabalhos. Ao final, todas levaram as fotos para casa, sorridentes, queixando-se do término do projeto e desejando nosso retorno no ano seguinte. Não podemos jogar a água da bacia com a criança

junto! Esse momento foi o clímax do projeto. Não conseguimos sequer imaginar o que deve ter ficado de lembranças. Esperamos que seja esperança.

Infelizmente, durante o processo da pesquisa percebemos tardiamente que teríamos dados mais interessantes se tivéssemos realizado entrevistas sobre as fotos instigando as rendeiras a avaliarem as imagens registradas, uma sugestão a ser considerada em estudos futuros. As legendas “ditadas” pelas rendeiras às alunas bolsistas revelam o pouco que conseguimos em termos de reflexão sobre suas condições de vida e trabalho. Na verdade, as legendas não passam do nível denotativo: reconhecimento de lugares, nomes de moradores, afazeres cotidianos, etc.

Reconhecemos, ainda, o grande valor documental das fotografias. De fato, elas são dados de pesquisa muito ricos, pois além de revelarem uma certa visão estética praticamente virgem, mostram paisagens e cenários, por vezes bucólicos, do local onde vivem e trabalham, revelam o humor e, em alguns casos, revelam com mais ênfase suas identidades.

As fotos foram selecionadas pelas rendeiras para a exposição nas seis categorias são extremamente ricas não apenas pelo que mostram, mas pelo que não mostram também, embora sejam muito reveladoras. Na categoria Nossa Histórica, por exemplo, só há uma fotografia, pois as rendeiras não identificaram mais nada que pudesse contar ou referir-se à história do bairro ou delas mesmas. Em nossas caminhadas, porém, reconhecemos alguns lugares que poderiam “contar histórias” e mesmo uma rendeira, Teca, mencionada num samba de Martinho da Vila. Talvez, para elas o tempo histórico não seja algo a se dar conta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que relatamos revelou-se uma proposta ambiciosa escondida por uma cortina de humildade. De fato, nós, pesquisadores, carregados de teorias sobre letramentos, multiculturalismo e imbuídos de uma proposta de escuta atenta das vozes de uma comunidade estranha a nós, não apenas por sermos recém-chegados ao estado de Alagoas e à cidade de Maceió, mas por virmos do sudeste brasileiro e por trazermos na bagagem experiências com projetos de letramento em comunidades periféricas. O etnógrafo precisa ser humilde para ouvir, escutar, aprender e mudar, transformar-se. Se ele não muda o estudo não anda. E quantas vezes percebemos nossa contrariedade com relação à pontualidade, ao cumprimento das tarefas domiciliares que pedíamos e, pior, visando a satisfação das **nossas** metas de pesquisa!

Aprendemos muito sobre a vida feia e bela das rendeiras do Pontal da Barra, mas aprendemos mais sobre nós mesmos, sobre nossa presunção sulista, de classe média, de acadêmico, sobre sermos

parecidos com a presidente da associação, cujo comportamento centralizador criticamos. Não é fácil tornar-se etnógrafo, pensar, ver, andar e fazer uma “descrição densa” como mandam os manuais da pesquisa etnográfica.

Não é fácil ver, nem mudar, quem dirá “fazer os outros ver” ou “fazer os outros mudar!” Mesmo pretendendo atendê-las, sermos por elas, não deixamos nosso colonialismo de lado. Há mesmo aí uma contradição do pesquisador que, mesmo pretendendo ter um olhar etnográfico de escuta não conseguiu deixar de carregar a mala pesada de suas concepções e aspirações dessa pesquisa. De fato, o que queríamos nós? Promover uma espécie de inclusão econômica das rendeiras, torná-las mais produtivas, mais empregáveis, mais inseridas no mercado? Julgando que fazíamos o bem, estávamos introduzindo, inadvertidamente, nossa própria aspiração à vida de classe média. Pensando agora, não tenho certeza do que queríamos. Quem sabe elas perceberam que a “inclusão” que propúnhamos não lhes serviria? Talvez não desejassem mudança, preferissem excluir-se, ficar “do lado de fora” onde também são felizes.

Outro engano é acreditar que a presença de tecnologias iria, necessariamente, mudar comportamento, transformar sujeitos sem propensões ativistas em pessoas engajadas em causas coletivas. As rendeiras têm um histórico que pode ser cultural de submeter-se e de calar-se, pois, neste estado, o poder político é inibidor.

Por outro lado, conforme afirma Selwyn (2008, p. 828), se pessoas de grupos sociais carentes têm experiência qualitativa e quantitativamente pequena com o uso das TIC, então, é provável que fiquem mais para trás ainda. Ou seja, “o uso das TIC continua sendo uma fonte de desigualdades sociais significativas e duradouras”. (grifo meu).

O mesmo autor (p. 829) comenta um argumento de Garret (2005) que parece encaixar-se muito bem no trabalho aqui discutido. Ele diz que os pesquisadores deveriam se dar ao luxo de pensar tanto positivamente quanto negativamente sobre as TIC, ou seja, é necessário reconhecer suas limitações quanto ao seu propalado poder transformador. Aliás, muito do que se faz, se vê e ouve na internet é conservador. Para Selwyn (p.831), é um equívoco supor que o uso das TIC é uma atividade que dá mais poder e transforma. Segundo ele, é possível que algumas pessoas, como as rendeiras do Pontal que participaram dessa pesquisa, vejam a internet como “espaço morto”, que não conduz à emancipação ou que sirva para debates e que o espaço físico em que circulam é que o local privilegiado, embora já “dominado” por outras pessoas que detêm poder na comunidade.

Assim, retomando as questões que levantamos no início deste trabalho, penso que “é difícil vencer a inércia predominante das relações e estruturas sociais” (SELWYN, 2008, p. 835) e que

questões sociais mais profundas estão na base da exclusão digital. Assim, as desvantagens advindas das dimensões política, econômica, cultural, educacional, entre outras, não são sequer parcialmente, superáveis por intervenções digitais. Nossa proposta, neste estudo, não seria mais do que ele chama de um remendo técnico se não tivéssemos aberto algumas brechas. As vozes ecoaram, por meio das fotos afixadas nos filés de cada rendeira, formaram um conjunto identitário único. Isso deu-lhes visibilidade e trouxe-lhes alegria. Serem ouvidas e acolhidas por nós, universitários, foi tão bom quanto nós termos sido acolhidos por elas, rendeiras alagoanas. Não houve grandes mudanças, mas o cotidiano delas ousou ser diferente nos dias de semana em que se dedicavam às nossas tarefas e nos fins de semana, quando caminhávamos pelo Pontal cumprimentando e mexendo com todos.

Abrimos uma brecha ao construirmos um ótimo relacionamento com a unidade escolar do bairro, ao utilizá-la e envolvê-la no projeto. Tanto assim, que já estamos apresentando novo projeto à diretora da escola, que pretende que a escola tenha uma participação mais ativa na vida daquela comunidade, trazendo para a escola, inclusive, pais e mães de alunos, bordadeiras e pescadores. Deixamos uma imagem positiva e nos despedimos em dezembro de 2013 com uma promessa de retorno que elas, as bordadeiras, nos impuseram.

Como avaliar os efeitos do letramento? Como saber de fato o que foi bom, o que foi ruim, onde erramos e onde acertamos? Uma equipe com dois professores com pouca experiência com pesquisa etnográfica, auxiliados por alunas de jornalismo e de letras, cursos que não nos preparam para tais “aventuras do conhecimento” e pelo meu filho de 15 anos, que também se envolveu com as atividades e nos acompanhava. Acreditamos que os cursos de formação de professores precisam inserir conteúdos como estudos culturais e metodologias de pesquisa que atendam às demandas da guinada para o social que os estudos linguísticos deram já há alguns bons anos. Talvez um bom caminho para essa mudança curricular seja o reforço das atividades de extensão. É no campo, nas comunidades periféricas ou não; é de baixo para cima que as mudanças acontecerão.

REFERÊNCIAS

BRAGA, D.B. & VÓVIO, L. C. Uso de tecnologia e participação em letramentos digitais em contextos desiguais. In: *Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social*. Denise Bértoli Braga (Org.). São Paulo- Cortez Editores, 2015.

FRITZEN, M. e LUCENA, M. (Orgs.). *O olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem*. Blumenau: Edifurb, 2012.

GARRETT, P. Social work's 'electronic turn'. *Critical Social Policy*, v. 25, n. 4, p. 529-553, 2005.

KATZMAN, R. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. *Cepal*, n. 75, dez. 2001. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/10782> >. Acesso em 16/11/2020.

ROCHA, G.; TOSTA, S. *Antropologia e educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

SELWYN, Neil. O uso das TIC na educação e a promoção de Inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, p. 815- 850, out. 2008. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302008000300009&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/11/2020.

ANEXO

Fotos do laboratório de Informática da Escola Municipal Péricles Silvestre. Situada no Pontal da Barra, mostrando como o encontramos, abandonado e sem uso. Mesmo após a faxina, ele não pode ser utilizado, pois grande parte dos computadores, teclados, mouse, transformadores de voltagem não funcionava. Os poucos conjuntos completos rodavam em Lynux e possuíam senhas indecifráveis, do tempo em que estavam numa empresa multinacional que os doou à escola.



Reunião dos pesquisadores com as rendeiras na loja da presidente da Associação e na escola



Fotos tiradas pelas rendeiras mostrando: seu bairro, seu trabalho, seus vizinhos, sua identidade, seu lazer e sua cultura. As legendas foram ditadas pelas bordadeiras.

Meu bairro



Figura 1- Praça Caio Porto, em forma de barco, no centro do bairro.

Meu trabalho



Figura 2- Êni no quintal da sua casa fazendo vestido de formatura.

Meus vizinhos



Figura 3- da Lucileide em frente à loja de artesanato. Maicon está sentado na frente por que àquela hora é quente.

Minha identidade



Figura 4- Rejane atrás do guerreiro, na frente de uma sorveteria

Meu lazer



Figura 5- Moradores do bairro- Bruno é o presidente da colônia, cantando e tocando pagode.

Minha cultura



Figura 6-Michele e o professor comprando CD e DVD na rua.O vendedor não é do bairro. A gente fica muito alegre mesmo quando um passa um homem tocando e vendendo CD e DVD; a alegria da pessoa.